

CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS FENOMENOLÓGICOS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

CONTRIBUTION OF PHENOMENOLOGICAL STUDIES TO NURSING CARE

CONTRIBUCIÓN DE LOS ESTUDIOS FENOMENOLÓGICOS PARA EL CUIDADO DE ENFERMERÍA

Lúcia de Fatima da Silva¹
Marta Maria Coelho Damasceno²
Rui Veraine Oliveira Moreira³

RESUMO: O ensaio reflete a contribuição que os estudos fenomenológicos trazem para o cuidado de enfermagem, exemplificando com o saber acerca da adesão do coronariopata ao modo de ser cotidiano do falatório. Considera que a compreensão das manifestações humanas permite interpretar atitudes e comportamentos, e que as contribuições dos estudos fenomenológicos podem facilitar o alcance da excelência dos cuidados de enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: fenomenologia, cuidado de enfermagem, falatório

A APROXIMAÇÃO AO OBJETO DE ESTUDO

A fenomenologia nascida como método de pesquisa com Edmund Husserl, filósofo alemão que viveu entre 1859 a 1938, configura-se como uma crítica e resistência ao método científico tradicional. A proposta metodológica husserliana se propõe encaminhar a descoberta das essências dos fenômenos, sejam eles naturais, ou, mais especificamente, humanos. Isto porque, para o filósofo, a ciência positivista não dá conta de atingir a verdade essencial, somente alcançada quando o homem transcende para a busca da compreensão ou do sentido de algo (HUSSERL, 1980).

A transcendência fenomenológica acontece quando um fenômeno do mundo exterior é apreendido pelo sujeito cognoscente de uma maneira intencional, na medida em que ele se interessa em revelar o **eidós** do objeto de sua investigação. Para que ocorra este desvelamento, é necessário que o sujeito coloque o objeto do conhecimento em suspensão, ou seja, se desvincilhe dos seus julgamentos próprios do saber do mundo real, procedendo o que *Husserl* (1980) denomina **epoché**.

A fenomenologia é “deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se

¹ Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem da Universidade Federal do Ceará. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará. Enfermeira do Hospital do Coração de Messejana. Bolsista da Fundação Cearense de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, da Universidade Federal do Ceará. Pesquisadora CNPq.

³ Filósofo. Mestre e PhD em Filosofia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, da Universidade Federal do Ceará.

mostra a partir de si mesmo" (HEIDEGGER, 1993, a, p. 65). Isto se dá pela *epoché*, que corresponde à redução da coisa nela mesma, momento em que é necessário suspender juízos e colocar em parênteses os pré-julgamentos, transcendendo na direção da essência de algo. Somente pela **epoché** fenomenológica, o homem pode, valendo-se da intencionalidade de sua consciência, apreender o significado de seu objeto de investigação, para assim, transcender no rumo do alcance do sentido de tal fenômeno.

Assim, a vertente fenomenológica é transcendental e caracterizada por Edmund Husserl como a verdadeira ciência que supera a lógica. O método, segundo o Filósofo, proporciona este **retorno às próprias coisas**, não se justificando pela mera aparência, de modo que, ao buscar a essência do fenômeno, o fenomenólogo não apenas analisa, mas também compreende o sentido, o fundamento do fenômeno estudado.

O conhecimento possibilitado pela fenomenologia diz respeito à compreensão de fenômenos humanos, de modo que os estudos fenomenológicos desenvolvidos pelas enfermeiras têm procurado contribuir para a prática profissional de enfermagem, considerando o fato que, atualmente, uma das maiores preocupações das enfermeiras é consubstanciar sua ação técnico-científica com a humanização desta prática, na direção de um cuidado de enfermagem que se caracterize como um encontro intersubjetivo entre o cuidador e a pessoa cuidada.

De acordo com levantamento de *Damasceno* et al. (2001), as enfermeiras têm buscado, especialmente na elaboração de suas dissertações e teses, desenvolver estudos qualitativos, que vêm permitindo diagnosticar situações da existência humana; no entanto, estes saberes não podem se fechar apenas no que é achado. Diz-se isto porque as pesquisas qualitativas e, em particular, as fenomenológicas, não comportam generalização dos seus resultados; entretanto, estes saberes podem e devem ser usados na prática cotidiana.

É imprescindível, portanto, que os estudos qualitativos, desenvolvidos pelas enfermeiras, reflitam na sua ação profissional, servindo de instrumento para que o aspecto existencial das pessoas cuidadas seja também privilegiado no processo de cuidar.

A pesquisa não pode, como muitas vezes acontece, terminar no âmbito acadêmico. Ela não deve servir, essencialmente, para a obtenção de títulos para o pesquisador. Sua finalidade é permitir a análise da prática profissional, e seu uso maior convém que se volte para a busca da excelência da ação. Tudo o que se construiu, na Enfermagem, leva à convicção de que é possível e necessário utilizar os conhecimentos produzidos na prática profissional.

Diante destas considerações, o presente estudo teve a intenção de refletir acerca da contribuição que os estudos fenomenológicos podem trazer para o cuidado de enfermagem.

O CAMINHO PARA A REFLEXÃO

Para proceder esta reflexão, partiu-se dos achados da investigação procedida por *Silva e Damasceno* (1999). O estudo pretendeu compreender como as pessoas coronariopatas experienciam o viver com a doença cardíaca.

As autoras entrevistaram 14 pessoas coronariopatas atendidas em um ambulatório de um hospital público na cidade de Fortaleza-Ceará. O convite para as entrevistas, previamente marcadas, foi feito enquanto elas esperavam consultas médicas e/ou de enfermagem no citado ambulatório. As entrevistas foram do tipo semi-estruturadas e realizadas nos domicílios. Para a obtenção dos discursos, as pesquisadoras cumpriram as orientações contidas na Portaria 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996) que rege a realização de investigações em que tomam parte seres humanos.

Tais cuidados disseram respeito, especialmente, à solicitação de permissão, antes da etapa de coleta de dados, junto à unidade de saúde onde se realizou a investigação e ao respeito dos direitos dos entrevistados, no que tange à livre participação e à garantia do seu anonimato na apresentação dos resultados, o que foi formalizado através da assinatura de um

termo de consentimento pós-informação.

Dos participantes do estudo, 13 eram do sexo masculino e a idade variou de 48 a 75 anos. Oriundos de diversas classes sociais, seu nível de escolaridade apresentou-se desde sem instrução a portadores de diploma de curso superior. Os discursos permitiram desvelar significados que possibilitaram a compreensão do existir coronariopata, com base na filosofia de *Heidegger* (1993a, b).

Dentre outras apreensões, o estudo revelou a adesão desta clientela ao modo de ser cotidiano do falatório. Segundo *Heidegger* (1993a), o falatório caracteriza-se pelo falar e repetir sem fundamento, descansando na perda de uma relação autêntica entre a compreensão de algo com aquilo que dele é falado.

A partir do modo de ser humano preso ao falatório demonstrado por aqueles coronariopatas, procedeu-se a presente reflexão, analisando como este conhecimento compreensivo pode contribuir para o cuidado de enfermagem. Para tanto, retomou-se os discursos que revelaram este modo de ser, para através deles, discutir como as enfermeiras podem se apropriar das revelações e considerá-las no seu processo de cuidar.

O SABER ADVINDO DA FENOMENOLOGIA E SUA CONTRIBUIÇÃO À PRÁTICA DA ENFERMAGEM

As pessoas que participaram do estudo de *Silva e Damasceno* (1999) foram acometidas de Infarto Agudo do Miocárdio, situação que as levou a uma condição de portadoras de doença crônica, uma vez que a extensão da lesão miocárdica, o comprometimento da função cardíaca e o sucesso terapêutico foram determinantes para menores ou maiores alterações no seu estilo e qualidade de vida.

Conforme *Freitas* (1999), a doença crônica é caracterizada como uma situação em que ocorre uma dinâmica complexa de modificações no ritmo e na direção da vida do ser humano e, nessas situações, a pessoa portadora adquire certa familiaridade com saberes, acerca do processo patológico que a atinge.

Ao serem chamadas a discursar sobre o que têm vivido, como pessoas doentes, elas procuram se ocupar em falar acerca da patologia, principalmente no que se refere às alterações provocadas pela sua ocorrência:

...Eu conheço uns safenados que bebem, que andam, que dirigem carro (...) vão ao clube, mas eu, pelo contrário...

...não posso correr, andar ligeiro (...) Não tenho mais ânimo para nada, não tenho prazer...

...sei que essa doença veio porque eu gostava muito da comida gordurosa, eu adorava carne de porco, hoje não posso comer de tudo...

...não posso mais trabalhar...

...não poder comer tudo que se quer, não poder nunca comer uma 'buchadinha', é muito ruim...

...a gente tem que descansar muito (...) tem que comer pouco, nada de excesso de açúcar, gordura de jeio nenhum, ovos que eu gostava muito, só um por mês, melhor não comer (...) eu nunca mais comi...

O falatório constitui o modo de ser da compreensão e interpretação do ser humano no

seu mundo cotidiano, expressado pelo seu discurso através da linguagem (HEIDEGGER, 1993a). A fala da homem, portanto, diz do seu ser e pronuncia tudo o que ele apreendeu do mundo, além do que, anuncia possibilidade e disposição para novas interpretações e formulações de conceitos.

A compreensão e interpretação do homem lhe permite a comunicação que acontece em um mundo cotidiano, no qual o que é dito se perde, pois, o ser humano contenta-se com "*repetir e passar adiante a fala*". O falado no falatório arrasta consigo círculos cada vez mais amplos, assumindo um caráter autoritário. As coisas são assim por que delas se fala assim" (HEIDEGGER, 1993a, p. 228).

A dimensão existencial do falatório descrita pelo filósofo é evidenciada no discurso dos coronariopatas. Eles propagam regras de bem viver com a situação crônica de saúde, falam de proibições alimentares e de atividades físicas, assim como, de impossibilidade de exercer atividade laboral, desvencilhando-se de buscar outras possibilidades de existir. Decaem no falatório mundano, por mais das vezes, influenciados por informações recebidas dos profissionais de saúde, ou até mesmo por notícias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, que mal interpretadas, são assimiladas como verdades e, como tal, são propagadas. Afinal, ao coronariopata, assim como a todos os existentes, é dada a possibilidade de escolher viver desta ou daquela maneira; ao portador desta doença cardíaca não há proibições, os exageros de ordem física e emocionais devem ser evitados.

Na direção das possibilidades do ser humano viver sua existência, Boff (2000, p. 36) ensina que "o homem é um ser em potencialidade permanente (...) é um ser de abertura (...) e sempre acrescenta algo ao real". Deste modo, de cada pessoa podem e devem ser esperados comportamentos próprios e formas diferenciadas de enfrentamento diante das circunstâncias de existência, do que não se foge ante os fenômenos relativos ao processo saúde-doença.

Mas, diante da revelação desta dimensão cotidiana de ser – o falatório, que prevalece na existência de quem vivencia a coronariopatia, interroga-se: - o que a enfermeira pode fazer? Afinal, os resultados de uma pesquisa prestam-se, dentre outras finalidades, ao direcionamento da prática, pelo que a enfermeira deve buscar, nestes estudos, o caminho para o encontro da maneira mais própria de cuidar. A trajetória a ser percorrida para cuidar, considerando a dimensão humana, revela-se como a compreensão do ser cuidado, com vistas a ajudá-lo a alcançar possibilidades de viver, seja com saúde, seja diante da ocorrência de uma enfermidade.

Para tanto, a leitura fenomenológica que se preocupa com a revelação da essência, do sentido dos fenômenos, garante a compreensão do homem e de suas relações consigo mesma, com os outros e com as coisas, no mundo cotidiano. Muito embora, seja preciso considerar que a compreensão do sentido é uma tarefa nunca plenamente alcançada e que todo fenômeno é singular. Assim, o que pode ser garantido é que a visão fenomenológica permitirá sempre à enfermeira a constante procura por novas interpretações originais do mundo do cuidado.

No entanto, a prática da enfermagem, nas mais das vezes, tem se caracterizado como fazer instrumental, próprio do modelo biomédico, de modo que a dominação tecnológica parece ser substancial. Por isso, as enfermeiras, no lugar de prenderem-se à amplitude do conceito de cuidado, cotidianamente, lidam com esse cuidado sob o predomínio das instâncias biológica e instrumental, pelo que tendem, na condição de seres humanos, a descansar na inautenticidade da linguagem, que substancia na dimensão técnica, utilizando uma linguagem de comunicação particular, que parece subjugar-se ao poder da técnica desempenhada. Entretanto, no encontro estabelecido entre a enfermeira e as pessoas a quem lhes são confiados os cuidados, a linguagem humana mereceria ser sempre considerada.

Em geral, os profissionais de saúde, e como tal as enfermeiras, apropriam-se de terminologia técnico-científica, no momento em que comunicam entre si, sendo esta linguagem também expressada na sua conversação com a clientela cuidada. Ressalte-se, por oportuno, que os termos familiares aos profissionais são plenamente desconhecidos para os seres

cuidados. Entenda-se aqui, por linguagem, a expressão da visão de mundo de quem fala; o mundo intermediário entre o espírito humano e os objetos; o entremeio do sujeito e do objeto (HEIDEGGER, 1999).

Uma das formas de cuidado propiciada pela enfermeira tem sido a educação em saúde. Volta-se, tal processo, para promover saúde ou, diante das circunstâncias de adoecimento, principalmente da cronicidade da situação, tem por intento ajudar, nesta situação particular, à pessoa cardiopata a buscar novos modos de bem viver, apesar de vivenciar aquela condição. Para tanto, as profissionais lançam mão da transmissão de ensinamentos, sob a forma de orientação, seja para o enfrentamento, seja para o convívio com a doença crônica, visando a melhoria do estilo e das condições de existência do doente, com prevalecimento da qualidade devida.

No intuito de promover tal aprendizado dos clientes, as enfermeiras, de um modo geral, procuram a eles transmitir informações em sessões educativas individuais ou em grupos (consulta de enfermagem, orientações para alta hospitalar, reuniões com grupos de auto-ajuda etc.), mediadas por sua linguagem cotidiana que, na grande maioria das vezes, se mantém presa à linguagem técnica, própria de sua formação profissional e do seu dia-a-dia de trabalho.

De um modo geral, a participação da clientela, neste processo, é passiva e as sessões educativas são traduzidas pela mera transmissão de informações ditas por quem sabe (os profissionais de saúde) para quem não sabe (o cliente). Normalmente, estes profissionais, e as enfermeiras não constituem exceção, não consideram o saber e as possibilidades de ser das pessoas de quem cuidam. Os processos pedagógicos e metodológicos utilizados são tradicionais, calcados no modelo biologicistas e assumem postura normalizadora dos aspectos de saúde e de doença.

Segundo analisa *Heidegger* (1999), dizer significa mostrar, e mostrar diz respeito a fazer ver e entender qualquer coisa, levar uma coisa a aparecer. Deste modo, o homem só pode dizer daquilo que se mostra a ele, desta ou daquela maneira, segundo sua interpretação. Dai, parece transparecer que a maneira como o ensinamento para o bem viver é passado pelos profissionais de saúde, e pelas enfermeiras em particular, tem sido arraigada de manifestações da ação técnica, próprio do mundo do cuidado.

Assim, entendendo que a determinação dos coronariopatas pelo falatório pode estar ligada à forma como a enfermeira cuida, porquanto as informações de saúde que elas lhes transmitem resumem-se a uma maneira de cuidar, interroga-se: será mediante o discurso das enfermeiras e demais profissionais da saúde, que se manifestaram, na linguagem dos coronariopatas, a fala e a repetição, sem compromisso com o fundamento essencial do que eles falam, caracterizando o modo-de-ser do falatório? Que lição as enfermeiras devem tomar da demonstração inautêntica de assumir o falatório, como linguagem própria, pelos coronariopatas?

Afinal, o discurso das enfermeiras, cotidianamente, tal qual acontece com todo ser, não busca a originalidade do que é falado, constituindo-se no que *Heidegger* (1993a) denomina “mundaneidade”, o modo de ser mediano em que todos são e ninguém propriamente é; ali o falatório é a linguagem predominante.

Diante da constatação de que o falatório é próprio da condição humana, recomenda-se que a enfermeira, no seu processo de cuidar, leve em conta este modo de ser cotidiano que permeia a existência dos humanos por ela cuidados, como meio de ajudá-los com informações que utilizem linguagem apropriada, distanciada dos termos técnico-científicos, especialmente quando a adesão ao falatório repercute no estilo de vida e, por via de consequência, na saúde destas pessoas. Portanto, seria buscando atingir a dimensão mais fundante da linguagem, buscando a originalidade da compreensão do que se fala, que as enfermeiras estariam ajudando os seres cuidados a vivenciar seus modos próprios de ser, na direção da existência autêntica.

No intuito de assumir tal postura, vale lembrar que, segundo *Heidegger* (1999), a linguagem

originária, própria da dimensão ontológica, ou fundamental do homem, não deve sofrer imposição da técnica. Por isso, cabe à enfermeira a missão de cuidar autenticamente, mantendo a disposição da preocupação com a utilização de linguagem apropriada, com vistas a viabilizar a compreensão de sua clientela daquilo que lhe é ensinado. Muito embora, merece que se lembre o ensinamento da filosofia heideggeriana, quando revela que o modo de ser do falatório é característico da dimensão cotidiana do homem e, por isso, por mais que se faça, estaremos sempre diante destas manifestações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões postas neste ensaio dizem respeito à compreensão fenomenológica de um modo de ser próprio, segundo *Martin Heidegger*, da pessoa humana – o falatório. Portanto, muito embora seja propagado que as pesquisas fenomenológicas não são passíveis de generalização, a realização de estudos desta natureza tem propiciado compreensão da manifestação humana que, sem nenhuma pretensão de universalização, permite interpretar suas atitudes e comportamentos.

O embasamento proporcionado pela Filosofia, posta a todos diante de obstáculos a serem pensados e compreendidos, coloca diante da preocupação de saber os modos de ser do homem. A enfermeira deveria se debruçar, pois, em reflexões sobre estes obstáculos, procurando compreender os comportamentos humanos e, diante deste saber, encontrar estratégias compartilhadas de mudanças no seu modo de cuidar, ou, simplesmente, pensando no cotidiano humano, que, nem sempre, pode ser mudado. O certo é que a compreensão fenomenológica dos comportamentos humanos pode auxiliar na relação terapêutica e de ajuda estabelecida entre a enfermeira e o ser cuidado.

Diante destas considerações, há de ser pensada a possibilidade de maior e melhor utilização dos saberes qualitativos produzidos pela pesquisas em enfermagem, como meio de busca da excelência das intervenções e alcance dos melhores resultados para a qualidade de saúde e, assim, de vida das pessoas cuidadas pela enfermeira.

ABSTRACT: This essay reflects the contributions of phenomenological studies to nursing care, as exemplified in the knowledge concerning the adherence of persons suffering from coronary diseases to daily idle talk. It considers that the understanding of human manifestations allows one to interpret attitudes and behaviors and that the contributions of phenomenological studies can facilitate the reach of excellence in nursing care.

KEYWORDS: phenomenology, nursing care, idle talk

RESUMEN: El ensayo refleja la contribución que los estudios fenomenológicos han traído para el cuidado de enfermería. Se ejemplifica con el conocimiento y la adhesión del coronariopata al modo de ser cotidiano del chismorreo. Se considera que la comprensión de las manifestaciones humanas permite interpretar actitudes y comportamientos y que las contribuciones de los estudios fenomenológicos pueden facilitar que se alcance la excelencia en los cuidados de enfermería.

PALABRAS CLAVE: fenomenología, cuidado de enfermería, chismes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOFF, L. *Tempo de transcendência: o ser humano como um projeto infinito*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BRASIL Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde. *Resolução 196/96*. Brasília, 1996.

DAMASCENO, M. M. C. et al. *O Cuidado de enfermagem como tema de pesquisa*. Fortaleza, 2001. Mimeogr.

HUSSERL, E. *Investigações lógicas*. São Paulo: Abril Cultura, 1980. (Coleções os Pensadores).

FREITAS, M. C. *Condição crônica de saúde: análise do conceito*. Ribeirão Preto, 138 p. 1999. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental)_Departamento de Enfermagem, USP-Ribeirão Preto, 1999.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 4. ed. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Petrópolis, RJ. Vozes, 1993a.

_____. *Ser e tempo*. 4. ed. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Petrópolis, RJ: Vozes, 1993b.

_____. *Lingua de tradição e lingua técnica*. 2. ed. Tradução: Mário Botas. Lisboa: Vega – Passagens, 1999.

SILVA, L. S.; DAMASCENO, M. M. C. O Ser-coronariopata: entre o viver autêntico e as amarras ao cotidiano. *R. Bras. Enfermagem.*, Brasília, v. 52, n. 1, p. 91-99, jan./mar. 1999.

Recebido em janeiro de 2001
Aprovado em junho de 2001